

O PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO E SEU IMPACTO NO SUCESSO ESCOLAR

Camila Machado Ribeiro da Silva¹
Jéssica Sousa Mendes Vieira²

Resumo

O presente trabalho tem como objetivo, analisar o processo de alfabetização por meio da prática pedagógica. O processo de alfabetização, ainda causa discussão na área educacional e divide opiniões. Entre diferenças e semelhanças, encontramos os alfabetizadores, preocupados com o fato de que a tarefa de alfabetizar tem ficado restrita a escola e vem alcançando índices de fracassos alarmantes. Assim, discutir sobre alfabetização torna-se essencial para os professores, já que é neste período que se desenvolve o processo de aquisição da linguagem escrita, a qual envolve a decodificação dos símbolos gráficos escritos e para os símbolos produzidos pela sociedade. A busca da compreensão de como é visto os processos de alfabetização, os métodos utilizados e contribuição destes na aquisição da leitura e da escrita dos alunos, motiva uma discussão mais minuciosa, com o objetivo de compreender as propostas e as concepções de alfabetização presentes no cotidiano escolar. Com esse artigo pretendemos discutir alguns pontos, de suma importância, que possam gerar uma reflexão sobre o desenvolvimento da alfabetização e defender a utilização dos conhecimentos já existentes e utilizá-los no cotidiano, aproveitando de todo potencial e recursos que eles podem nos oferecer diante dos processos de ensino-aprendizagem. Esta é uma pesquisa de cunho bibliográfico.

Palavras-chave: Alfabetização. Conhecimento. Educação

Introdução

Este artigo tem como propósito, analisar o processo de alfabetização por meio da prática pedagógica e seu impacto no sucesso escolar das crianças dos anos iniciais do ensino fundamental. Para tanto, foi necessário, conhecer e conceituar o processo de alfabetização; identificar os estágios de leitura e escrita das crianças participantes da pesquisa; investigar o papel do professor para o desenvolvimento da leitura e escrita dentro da sala de aula; e, investigar o processo de alfabetização baseada na regência escolar;

¹ Estudante do curso de pedagogia da USJ.

² Estudane de curso de pedagogia da USJ.

Além disso, alfabetizar é um conceito muito amplo na prática educativa, é fundamental ser compreendido suas concepções para a melhoria dessa prática no processo de alfabetizar. No entanto, para a melhoria dessa prática, torna-se fundamental o aprofundamento neste assunto para que seja entendida a melhor maneira de colocar a criança em contato com a leitura e a escrita na sua vida social, constituindo assim o processo de alfabetizar letrando (SOARES, 2008)

A alfabetização e o letramento têm sido pretexto de estudos (SOARES, 2008) e de propostas para vencer os obstáculos que dificultam, efetivamente, uma parcela da população a se apropriar do conhecimento da sociedade letrada como o PNAIC (Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa) (BRASIL, 2012). A prática avaliativa da leitura na Provinha Brasil e o PNAIC têm composto as práticas alfabetizadoras que se amparam em uma clara concepção de leitura. O que evidenciamos na prática do estágio curricular de Pedagogia são crianças que ainda não consolidaram esse processo.

As concepções de alfabetização e letramento estão anunciadas, como a alfabetização como o desenvolvimento da compreensão de regras de funcionamento do sistema de escrita alfabética e o letramento como as possibilidades de usos e funções sociais da linguagem escrita, isto é, o processo de inserção e participação dos sujeitos na cultura escrita. (BRASIL, 2016a, p.11)

Os entraves da educação brasileira surgem nas estatísticas, como a precariedade da leitura e da escrita das crianças nos anos iniciais e com isso altos índices de analfabetismo. Associadas a esses fatores resgatamos evidências relacionadas formação inicial de professores, condição de trabalho, a gestão escolar, a metodologia e as práticas pedagógicas inadequadas e pouco contextualizadas no cotidiano das crianças.

Tais problemas evidenciam-se com maior incidência nas classes populares. Segundo IBGE (PNAD, 2009), a taxa de analfabetismo no país é de 9,7% da população, significando 14,1 milhões de pessoas e os analfabetos funcionais são 20,3%, o que concebe que mais de 30% dos brasileiros estão nesses dois grupos (BRASIL, 2011a).

Em Santa Catarina, com população estimada 6,1 milhões de habitantes, a taxa de analfabetos é de 5,4%, que representa 329,4 mil pessoas e 10,0% de analfabetos funcionais, totalizando 610 mil pessoas. Segundo o IBGE (2011, p. 45) analfabeto é a

“pessoa que não sabe ler e escrever um bilhete simples”, e analfabeto funcional a pessoa com mais de 15 anos de idade e com menos de quatro anos de estudos completos”, ou seja, a pessoa lê e escreve algo, mas não interpreta corretamente as informações, não faz uso da leitura e da escrita em práticas sociais de forma adequada.

Nossas preocupações e discussões perpassam por entender que é necessário compreender diferentes competências e habilidades do professor em sala de aula, pois é nessa trajetória que se adquire novas experiências e novos saberes de maneira que seja possível ajustar estes conhecimentos já adquiridos.

Neste contexto, urge elevar os índices de alfabetização com letramento no Brasil, com práticas pedagógicas que oportunizem as crianças, a inserção na cultura letrada para o acesso ao conhecimento. Dessa forma, compomos a relevância do estudo afirmando que a disciplina de estágio curricular nos anos iniciais do ensino fundamental abre espaço para apropriação e socialização do conhecimento e sua articulação com a realidade educacional uma vez que a universidade possibilita pesquisar e refletir estas práticas articulando de formas interdisciplinar todas as disciplinas de docência realizadas durante o curso.

Processo de alfabetização e letramento

Tomamos com referência para problematizar esse tema os estudos e pesquisas de Fernandes (2013) e de Furghestti (2013) que trazem a tona à relação estabelecida entre a universidade e as escolas de educação básica. Os estagiários frequentam regularmente a universidade para participar de estudos e discussões sobre o processo de alfabetização e letramento.

No entanto alertamos que o processo de alfabetização é amplo e abstruso e sugere não só a capacidade intelectual, mas também múltiplos fatores relacionados com a dimensão social, emocional, físico e psicológico da criança e, por isso, demanda um empenho considerável de professores, família e crianças no desenvolvimento do potencial cognitivo. A prática pedagógica realizada durante o estágio obrigatório, refere-se ao processo de ensino e de aprendizagem das crianças no espaço escolar, mais

precisamente nas ações desenvolvidas na sala de aula que constituíram-se num espaço físico com interação significativas entre estagiárias e crianças. Para Vasconcellos (2002, p. 12):

Por sala de aula estamos compreendendo qualquer espaço físico onde haja interação direta entre professor-alunos. Entendemos que a atenção deve estar em torno da sala de aula, onde todo dia o professor tem sua prática, seleciona conteúdos, passa posições políticas, ideológicas, transmite e recebe afetos e valores. A sala de aula é o centro do acontecimento da educação escolar, pois a formação básica do educando se dá neste espaço de interação entre os sujeitos, mediados pela realidade.

Na escola o espaço de maior convívio é a sala de aula, mas as crianças desde cedo interagem também com outros espaços sociais e utilizam a linguagem oral em muitas situações. Por meio da fala as mesmas comunicam-se nas diversas situações de interação. No entanto, com relação à escrita e a leitura, o processo de apropriação e autonomia é diferente. As crianças apesar de conviverem numa sociedade grafocêntrica, onde prevalece a escrita, precisam estar mergulhadas num processo de ensino sistematizado para aprender a ler e escrever.

Soares (2011, p. 15) relata que nesse processo a “[...] alfabetização em seu sentido próprio, específico: processo de aquisição do código escrito, das habilidades de leitura e escrita” é a aprendizagem da codificação e decodificação dos sinais gráficos. E, no caso o letramento seria então “o resultado da ação de ensinar ou de aprender a ler e escrever: o estado ou a condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita.” (SOARES, 2010, p. 18).

Desse modo, as ações pedagógicas que ocorrem no cotidiano escolar possibilitam a apreensão desse processo para garantir o acesso à leitura e à escrita é um direito de cidadania, e uma função do sistema escolar.

Nesse sentido, um analfabeto pode ser letrado: pede que alguém escreva para ele (dita uma carta com convenções e estruturas da escrita); pede que alguém leia para ele uma notícia, carta, placa na rua, indicações de roteiros de ônibus etc. Não sabe ler nem escrever, mas conhece e entende-se a importância das funções da escrita.

Kleiman (2005, p.18), “o letramento envolve muito além do que uma habilidade envolve múltiplas possibilidades e capacidades”. Para Soares (2010, p. 47) “alfabetizar e letrar são duas ações distintas, mas não inseparáveis, ao contrário: o ideal seria alfabetizar letrando, ou seja: ensinar a ler e escrever no contexto das práticas sociais da leitura e da escrita [...]”

Contudo, a necessidade de discutir maneiras de trazer os conhecimentos do cotidiano das crianças, respeitando-os como pertinentes, mesmo que não científico e fazer dele um ponto de partida para a aquisição de novos conhecimentos. Na verdade Ferreira (1996) nos deixa a ideia de que é mais importante uma prática alfabetizadora de qualidade, do que valorizar as discussões sobre os termos a serem usados.

Entre conceitos e disputas, encontra-se a pessoa, suas dificuldades e possibilidades dentro dos processos de aprendizagem. Aos professores, cabe a difícil missão de auxiliá-las no desenvolvimento destes processos e dentro deles está à aquisição da escrita e leitura. O trabalho realizado nos três anos iniciais não se esgota na alfabetização ou no desenvolvimento dessas capacidades linguísticas.

Assim, é pertinente o questionamento sobre qual seria o melhor método utilizado para revolucionar e melhorar a educação brasileira. Ao longo das décadas, houve uma mudança de paradigmas educacionais, antes o fator principal de análise estava centrado na maneira que o professor desenvolvia sua metodologia, agora o fator a ser observado é a maneira como a criança aprenda.

Diante do exposto, buscamos definir quais objetivos e indagações, concomitantemente, foram se tornando mais estremecidas durante o estágio obrigatório. Assim se emergiram as seguintes questões norteadoras desse artigo: a) Quais atividades são priorizadas na rotina de sala de aula **durante o estágio**? b) Quais os gêneros textuais são utilizados nas atividades oferecidas com as crianças? c) De que forma são trabalhados? d) Os alunos sabem ler e escrever? e) Conseguem codificar e decodificar os códigos escritos?

Desta forma, é um processo constituído por diversos fatores, a aprendizagem, é o processo de apropriação dos conhecimentos historicamente produzidos e sistematizados pela humanidade, apropriação esta que permite a leitura, interpretação e transformação

da realidade por parte do sujeito, para se viver em sociedade, é necessário aprender, ler, escrever, se comunicar.

Contudo a distância entre a aprendizagem, possibilitada pela questão de resolver um problema com o auxílio de outro. Quer dizer, que o aluno já possui conhecimentos, porém ainda não consegue resolver sozinho.

Em contrapartida, o ser humano encontra-se em processo de elaboração e reelaboração de conceitos, por isso, está em um constante e indeterminado aprendizado. “Mas para que essa aprendizagem aconteça e continue acontecendo, faz-se necessário à mediação dos instrumentos e signos. Signo “[...] pode ser compreendido como um instrumento internalizado, operado em nível mental”.(SANTA CATARINA, 2000, p. 14).

Percebe-se que a situação em que se encontra a leitura e a produção textual dos cidadãos comprova a ineficácia da escola que tem esta proposta restrita de alfabetização uma vez, que o suposto leitor, passa a ter o papel de decodificador e de eventual intérprete, limitando-se a ler e escrever por obrigação ou para cumprir uma tarefa escolar.

Segundo Ferreiro (1996, p.90) “A escrita não é resultado de uma mera cópia, mas sim, um processo de construção pessoal”.

Saber ler e escrever não é só conhecer o alfabeto da língua escrita ou então desenhar letras ou tê-las em um ato de leitura. Para o uso adequado da linguagem escrita é necessário, saber ler criticamente diferentes tipos de textos, saber se expressar, em uma carta, de modo que o receptor entenda o propósito da comunicação. O importante é que ocorra domínio da linguagem escrita e, portanto a capacidade de utilizar a língua escrita como instrumento de comunicação com os semelhantes.

A fim de levar adiante a discussão iniciada neste trabalho, é fundamental nos abordar alguns métodos de alfabetização e suas aplicações.

A palavra métodos tem sua origem grega (methodos) que quer dizer que caminho. Portanto métodos de alfabetização em três grupos: Sintéticos e Analíticos e ecléticos. (RIBEIRO, 1996, p.90),

Para entender as discussões sobre os métodos, estratégias e técnicas de alfabetização, é preciso que entendamos as diferenças entre as propostas apresentadas e defendidas.

O método analítico tem como início no processo de alfabetização, unidades, para depois dar sequência ao texto mais completo, ou seja, das unidades maiores para as menores, faz uma decomposição.

Para Ribeiro (1996, p.90), “É importante ressaltar que a utilização de estratégias motivadores e atrativas, são importantes e valiosas no desenvolvimento do planejamento escolar e devem ser observadas”.

O método analítico tem como foco o ensino da leitura e da escrita, através da escrita o aluno poderá construir sentenças ou palavras, ou seja, o aprender acontece da parte do todo, como as palavras retiradas de um texto .

O professor conta uma para os alunos reproduzir, faz-se também o reconhecimento de frases na mesma ordem ou não.

O método sintético continua sendo aplicado em muitas escolas, sendo esse método o de silabação. (RIBEIRO, 1996, p.9), Contudo nem todos os alunos compreendem a maneira de combinar as sílabas.

É um método que inicia das partes para o todo, é o método do be a bá. Contudo na escrita, inicia com o traçado sozinho partindo de cada letra, mesmo sem saber o significado dessa letra. Nas Escolas ensinavam e ainda ensinam até o hoje o conhecido traçado das letras, para o aluno passar por cima.

Capovilla e Capovilla (2004b) apresentam duas habilidades importantes ao método analítico (fônico): facilidade de compreender os sons da fala e facilidade de manipulá-los.

Em relação ao método Eclético ou global iniciou na Itália, é considerado global, porque parte do todo, para partes: som, sílabas, palavras, frases. (RIBEIRO, 1996, p.89),

O Método Eclético surge no Brasil em 1920, surge com o objetivo de unir os dois métodos anteriormente referidos. Foi uma grande descoberta no campo metodológico, uma vez que se utilizava análise e síntese ao contrário dos outros métodos sintéticos e analíticos.

O método engloba o método Sintético e Analítico, no qual possibilitam a escolha do método de ensino de leitura e escrita.

Ribeiro (1996), fala que esse método estabelece para descrever o processo da aquisição da escrita é suficiente para observar sua característica fundamental: trata-se de uma abordagem que focaliza os mecanismos da construção de um sistema de representação da natureza alfabética, tomando como objeto específico de conhecimento.

Dessa maneira, é possível compreender os estágios que o aluno passa para se alfabetizar no contexto escolar e na sociedade, e torna-se possível distinguir a fase do educando para apropriação da leitura e escrita nesse processo.

Análise da intervenção

Durante o Estágio dos Anos iniciais nos deparamos com uma turma de segundo ano, a grande maioria dos alunos apresentava problemas diversificados em relação a alfabetização. Muitos não sabiam o que estavam copiando do quadro, outros já sabiam ler e escrever corretamente, a professora tratava a turma como um “todo”, todos realizavam as mesmas atividades muitas vezes nem se davam conta do que estavam copiando do quadro. O método utilizado pela professora era o analítico, passava as palavras e orações no quadro para depois ir fragmentando-as com os alunos para que eles entendessem o que estava escrito no quadro.

Durante nossas intervenções procuramos apresentar palavras e orações, através de histórias, jogos e ditados onde cada aluno poderia corrigir o seu. Construimos um cantinho da leitura, onde as crianças sempre que terminavam as atividades pegavam um livro para ler e as que ainda não dominavam a leitura ficavam tentando decifrar as palavras que ali estavam escritas.

O contato com histórias (contadas por nós ou vista pelos alunos) incentivava ainda mais o gosto pela leitura para quem já sabe ler e para os alunos que ainda não sabiam gerava curiosidade e vontade de saber o que estava escrito naqueles livros gerando motivação.

Com a correção do ditado feita pelos próprios alunos eles percebiam o que erravam e em muitas das vezes se davam conta de que sabiam escrever a palavras

erravam por falta de atenção, essa correção feita por eles é importante por isso, da aos alunos a oportunidade de ver onde erraram.

Durante os jogos procuramos utilizar o método fônico, com o jogo da memória de palavras e imagens ao virar a imagem as crianças soletravam o nome desta e procuravam para saber se a escrita virada era correspondente a imagem. O resultado foi satisfatório, ao final do jogo muitos sabiam soletrar todas as palavras.

Assim se emergiram as seguintes questões norteadoras desse artigo: a) Quais atividades são priorizadas na rotina de sala de aula durante o estágio? b) Quais os gêneros textuais são utilizados nas atividades oferecidas com as crianças? c) De que forma são trabalhados? d) Os alunos sabem ler e escrever? e) Conseguem codificar e decodificar os códigos escritos?

Considerações finais

Analisando as concepções de alguns autores durante a pesquisa bibliográfica, pode-se perceber que a música, desde muito cedo, está presente no cotidiano das crianças. As atividades devem ser diversificadas para que a criança possa se expressar e criar situações imaginárias e reais vivenciadas no dia-dia.

É necessário, também que os professores redimensionem e repensem o conteúdo a ser trabalhado com as crianças, substituindo a maneira tradicional de trabalhar pelo entusiasmo de ensinar e aprender.

O espaço escolar além de ser social é um espaço de conhecimento, portanto a utilização inadequada de estratégias inadequadas no processo de ensinar e aprender pode causar prejuízos na vida das crianças. Dessa, forma, é necessário um planejamento bem estruturado e definido, com atividades coletivas e a utilização de atividades diversificadas.

Acredita-se que todos os alunos possuem um potencial criativo, cabendo ao educador facilitar o seu acesso no mundo real, proporcionando ao aluno a oportunidade de explorar livremente o seu conhecimento. Eu acredito que interpretar é recriar, recompor o hábito de improvisar abrindo novas possibilidades interpretativas, construindo uma visão abrangente, .Finaliza-se este trabalho dizendo que o professor

pode e deve mudar suas práticas educativas e que a cada dia, a capacidade de se encantar com a descoberta, com a transformação, através do espanto, da fantasia e da pura magia que contagie e motive os alunos.

Referências

CAPOVILLA, A.G.S.; CAPOVILLA, F.C.; SUITER, J. Processamento cognitivo em crianças com e sem dificuldades de leitura. *Psicologia em Estudo*. Vol.9. n.3. Maringá: set./dez.,

FURGHESTTI, Mara Luciane da Silva. As práticas pedagógicas de alfabetização e letramento realizadas nos três primeiros anos do ensino fundamental nas escolas da rede pública da região sul de Santa Catarina : Amurel. Dissertação de Mestrado. UNISUL, 2013.

CARDOSO, Rosinete Costa Fernandes. Bloco alfabetizador: como é concebido pelos gestores e qual seu lugar na atuação desses profissionais? Dissertação de mestrado. UNISUL, 2013.

BRASIL. Presidência da República, Observatório da Equidade. As desigualdades na escolarização no Brasil. Brasília: Observatório da Equidade, Relatório de Observação nº 4, 2010.

_____. Pró-letramento: programa de formação continuada de professores dos anos/séries iniciais do ensino fundamental – alfabetização e linguagem. Brasília. MEC/SEB, 2008. Disponível em: . Acesso em: maio 2012.

GADOTTI, M. Concepção dialética da educação. 9. ed. São Paulo: Cortez, 1995. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. 2009. Disponível em: . Acesso em: 18 maio 2012.

VASCONCELLOS. C. S. A construção do conhecimento em sala de aula. 13. ed. São Paulo: Libertad, 2002.

SOARES, Magda. Alfabetização e Letramento. São Paulo: Contexto, 2008.